

# lingüística



# ***A APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA\****

*Mário Filipe \*\**

## **1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS**

Todos os que estão envolvidos no processo ensino/aprendizagem têm à partida expectativas óbvias, quer quanto à questão da aquisição da língua propriamente dita, quer quanto à componente cultural envolvente, que surge naturalmente ligada à língua. Saber se estas expectativas são coincidentes ou não, e até que ponto a aprendizagem da nova língua motiva a curiosidade pela cultura que essa língua difunde é o que se pretende analisar neste artigo.

Cabe ao professor aplicar um programa pré-estabelecido, o qual, dependendo do nível, apresenta uma maior ou menor «componente cultural». Assim, e para além de ter de conciliar a carga horária com a execução do programa, o professor pode tentar criar condições que propiciem a transmissão pela língua da chamada «componente cultural», de forma a despertar no aprendente a necessária curiosidade pela realidade cultural, portuguesa no nosso caso.

Como conseguir despertar tal desejo, quando, por vezes, a percepção que o professor tem é a de que os aprendentes se interessam pelo português por razões fundamentalmente pragmáticas, que se prendem objectivamente, e no caso concreto dos aprendentes do ex-CFAP<sup>1</sup>, com as necessidades de relacionamento e de funcionalidade no trabalho? Acredita-se que a curiosidade em relação ao diferente existe sempre, é natural e deve ser estimulada. No entanto, entende-se igualmente que se forem facultados elementos que permitam conhecer o sentido da curio-

---

\* Trabalho elaborado pelo autor em 1993, quando era professor de português como língua estrangeira, no Centro de Difusão de Línguas da Direcção dos Serviços de Educação.

\*\* Professor na Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Beja.

<sup>1</sup> Centro de Formação para a Administração Pública.

sidade dos aprendentes, pode-se reduzir significativamente o risco constante de se estar a falar de temas que para nós pessoalmente podem ser muito interessantes, mas que para quem ouve apenas provocam um disfarçado bocejo ou um sorriso educado.

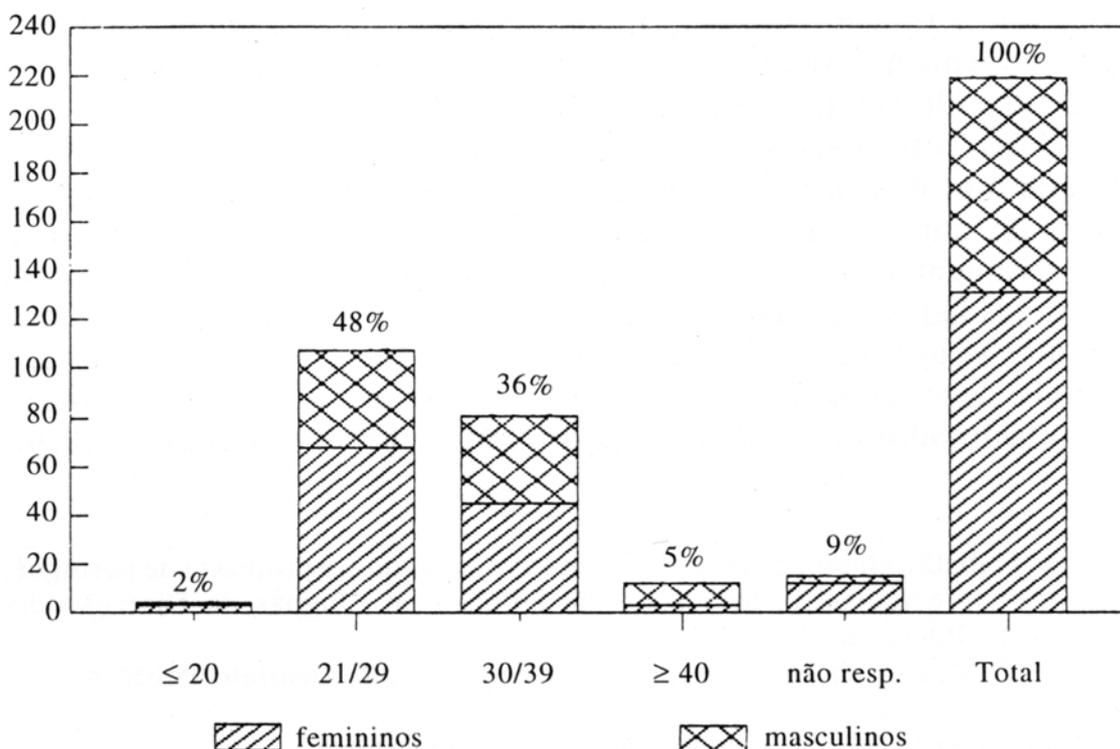
## 2. METODOLOGIA E HIPÓTESES

Partindo da curiosidade em saber o que os alunos gostariam de saber sobre a cultura, decidiu-se elaborar um pequeno inquérito de resposta anónima, em português e chinês, no qual se tentou saber basicamente duas coisas: o que é que os levou a aprender português e o que é que gostariam de saber sobre Portugal e os portugueses.

O inquérito foi distribuído aos alunos do ex-CFAP, com a colaboração do Centro e o apoio dos outros professores que ali trabalham. Dos cerca de 300 alunos que nesta altura ali aprendem língua portuguesa, responderam 224, mais de dois terços do total. Considera-se, por isso, que se conseguiu uma amostra representativa deste universo, assim como dos interesses e expectativas dos aprendentes. A sondagem realizada abrangeu os referidos 224 alunos, funcionários da Administração, sendo 58 por cento femininos. A distribuição por escalões etários é a seguinte:

- 2 por cento com idade igual ou inferior a 20 anos;
- 48 por cento entre 21 e 29 anos;
- 36 por cento entre 30 e 39 anos;
- 5 por cento com idade igual ou superior a 40 anos;
- 9 por cento não indicaram a idade.

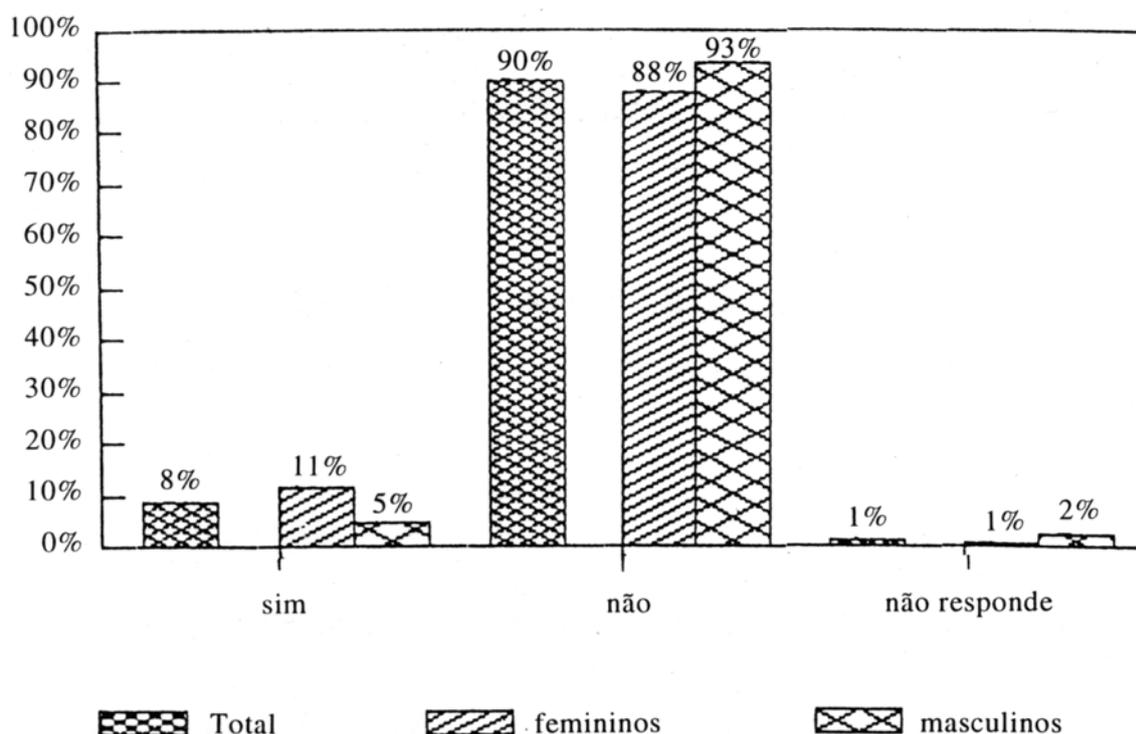
Composição da amostra por sexo e por escalões etários



### 3. ANÁLISE DE RESULTADOS

Começando por referir o aumento significativo e constante, que se tem registado no número de inscrições, de 1990/91 até ao presente ano lectivo, nota-se igualmente que apenas 8 por cento dos inquiridos declarou que estuda português por imposição do serviço, fazendo-o os restantes por sua iniciativa, o que é em fase posterior autorizado superiormente, conforme a norma do ex-CFAP.

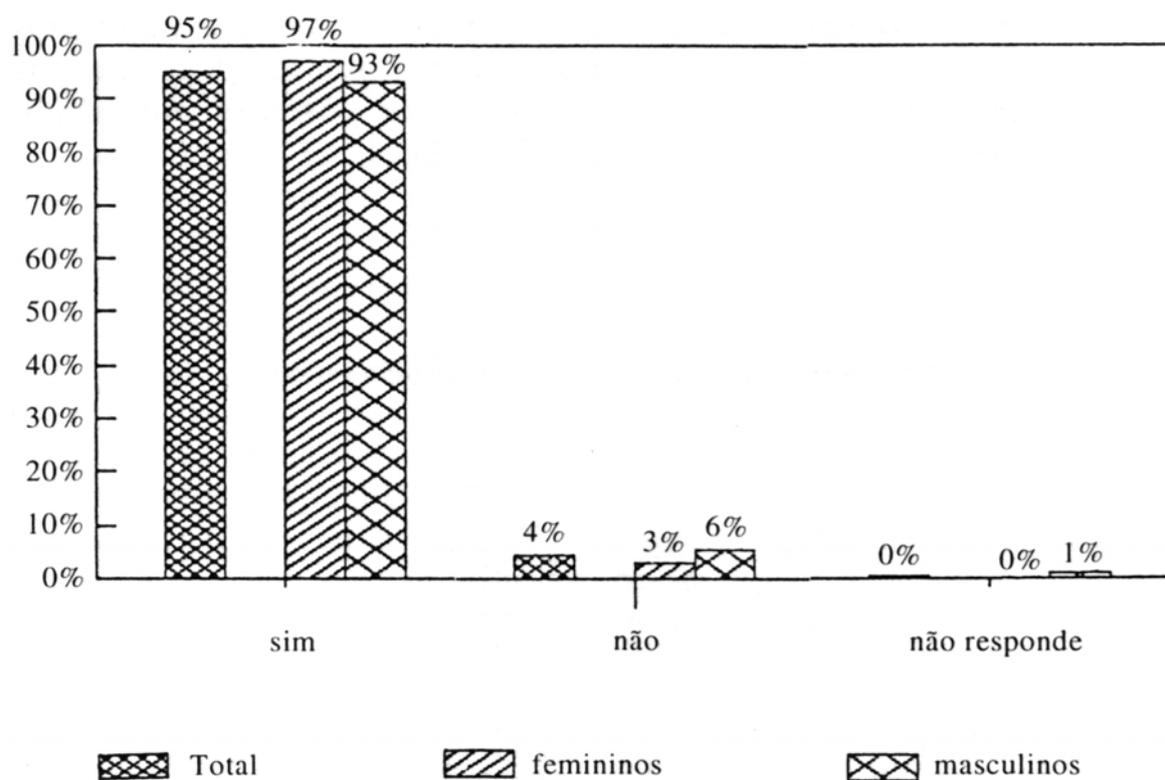
Estuda português porque é obrigado pelo serviço



Gostaria de começar a análise dos dados obtidos, pela apresentação dos resultados que se referem aos motivos que levaram estes alunos a aprender português, porque das suas motivações dependerá sempre a sua maior ou menor predisposição e interesse para ir além da aprendizagem escolar da língua e partir à descoberta do outro.

Quando inquiridos sobre se tencionam prosseguir a aprendizagem do português, apenas 4 por cento declaram não pretender fazê-lo, sendo significativo o facto de todos os alunos inquiridos, dos que iniciaram o curso este ano, terem declarado a sua intenção de continuar, sendo igualmente relevante verificar que a quase totalidade dos finalistas gostaria de poder prosseguir os estudos (apenas um declarou não querer

## Quer continuar a estudar português



continuar).

Quanto aos motivos que levaram os alunos a aprender português, apurámos os seguintes resultados:

75 por cento fazem-no para «aprender uma língua estrangeira»;

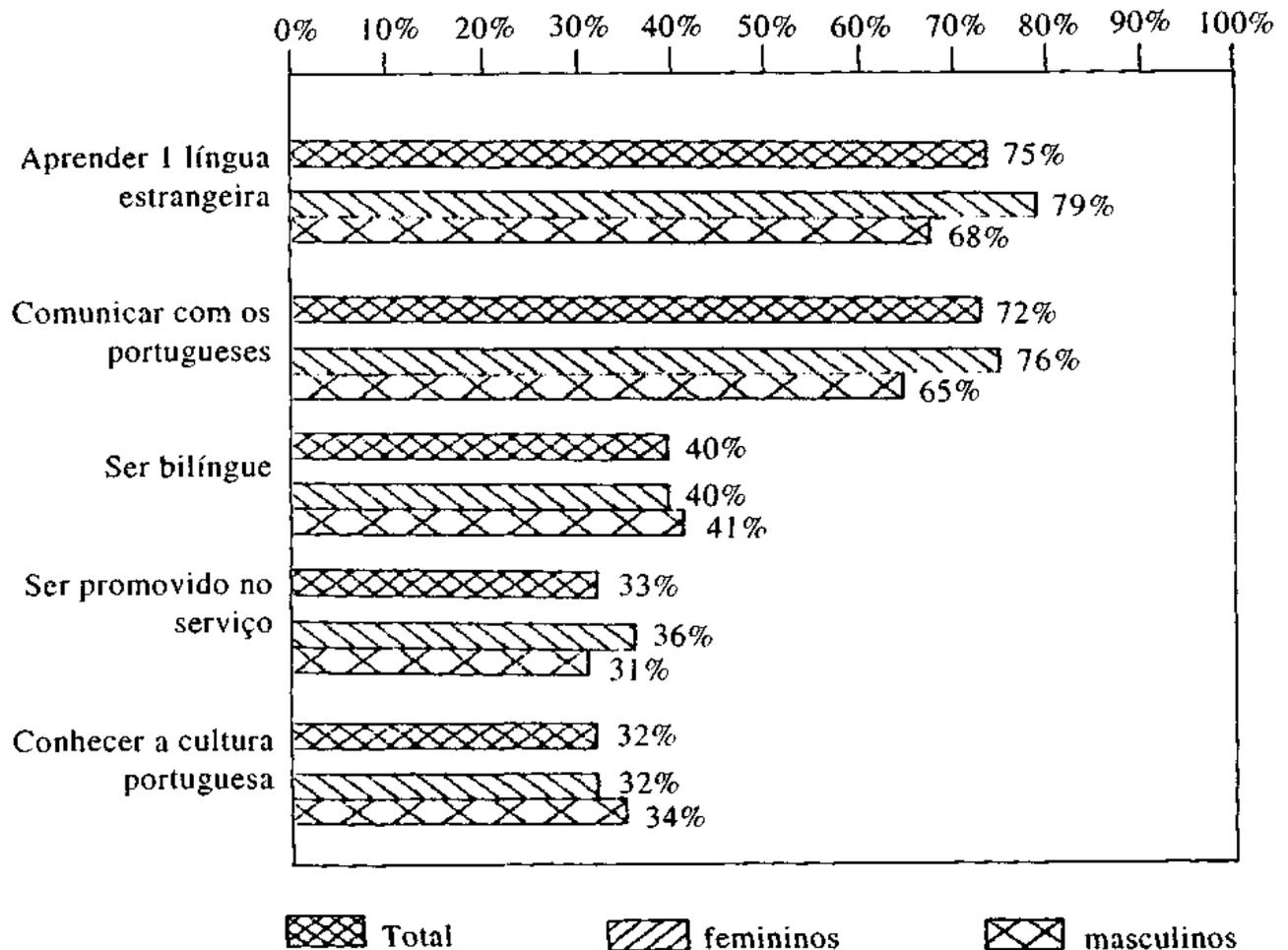
72 por cento declararam que aprendem português para «comunicar com os portugueses»;

40 por cento disseram que têm como objectivo «ser bilíngue», o que, se entendermos esta expressão como o domínio fluente de duas línguas, representa um grande empenhamento destes alunos.

Assinalo ainda que 32 por cento afirmam ter como um dos motivos «conhecer a cultura portuguesa», o que, na minha opinião, contraria um pouco a ideia que às vezes temos de que os nossos alunos têm uma tendência essencialmente prática, centrada exclusivamente na língua.

Esse sentido do imediatamente útil existe, claro, mas não tanto quanto por vezes a tendência para as generalizações, mais ou menos superficiais, nos pode levar a pensar. Pelo que os resultados do inquérito permitem detectar que nem tudo o que parece, é, e a percentagem dos que declaram que aprendem português para «ser promovido no serviço», é

### Estuda português para:



significativa, 33 por cento, mas nem por isso esmagadora.

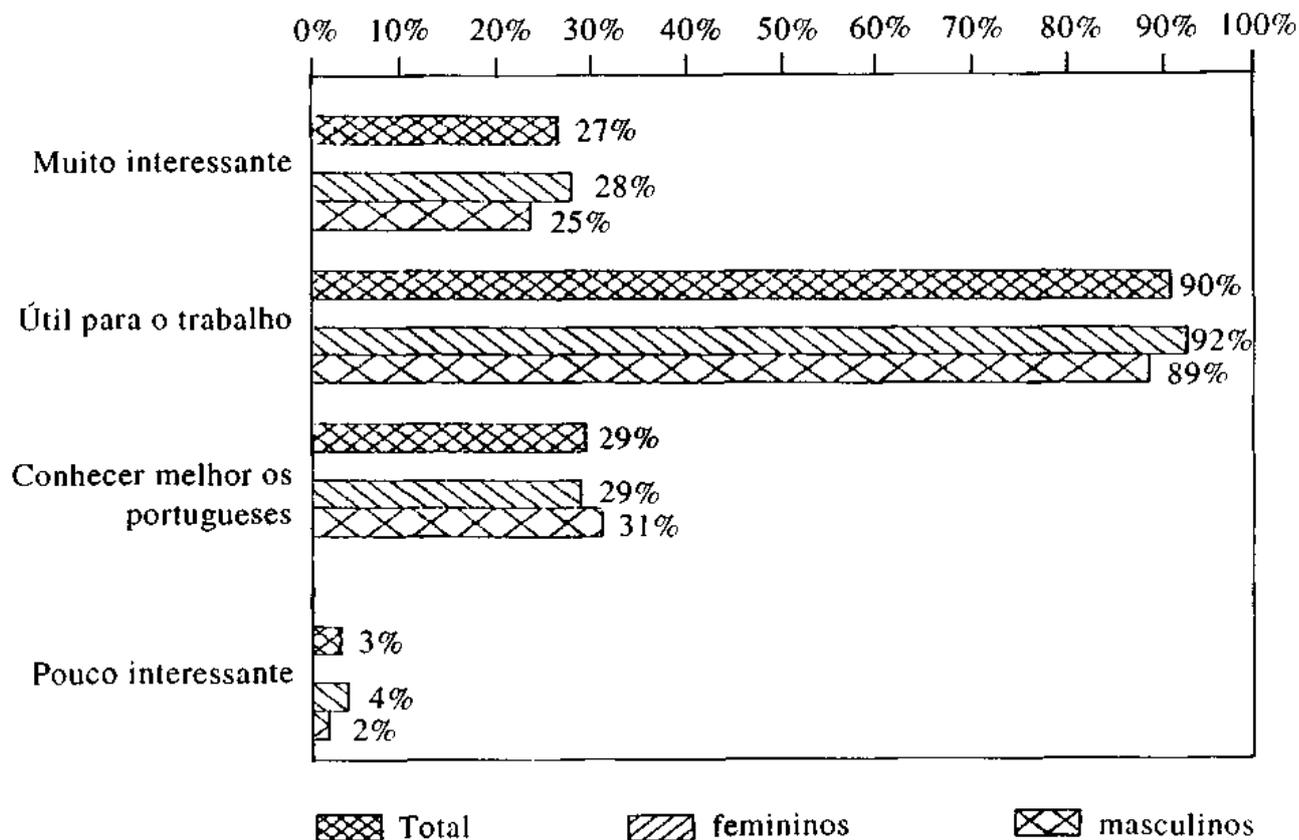
Estes resultados permitem-nos afirmar que existe espaço para a difusão da cultura e permite-me também acreditar que quando os alunos me pedem para passar documentários sobre Portugal, o seu interesse é em boa parte genuíno, e não apenas um disfarce para não ter aula, até porque já sabem que a seguir vão ter que trabalhar sobre o que viram e ouviram quer escrita quer oralmente.

Ainda sobre a utilidade da língua é de referir que 90 por cento acha que aprender português é «útil para o trabalho».

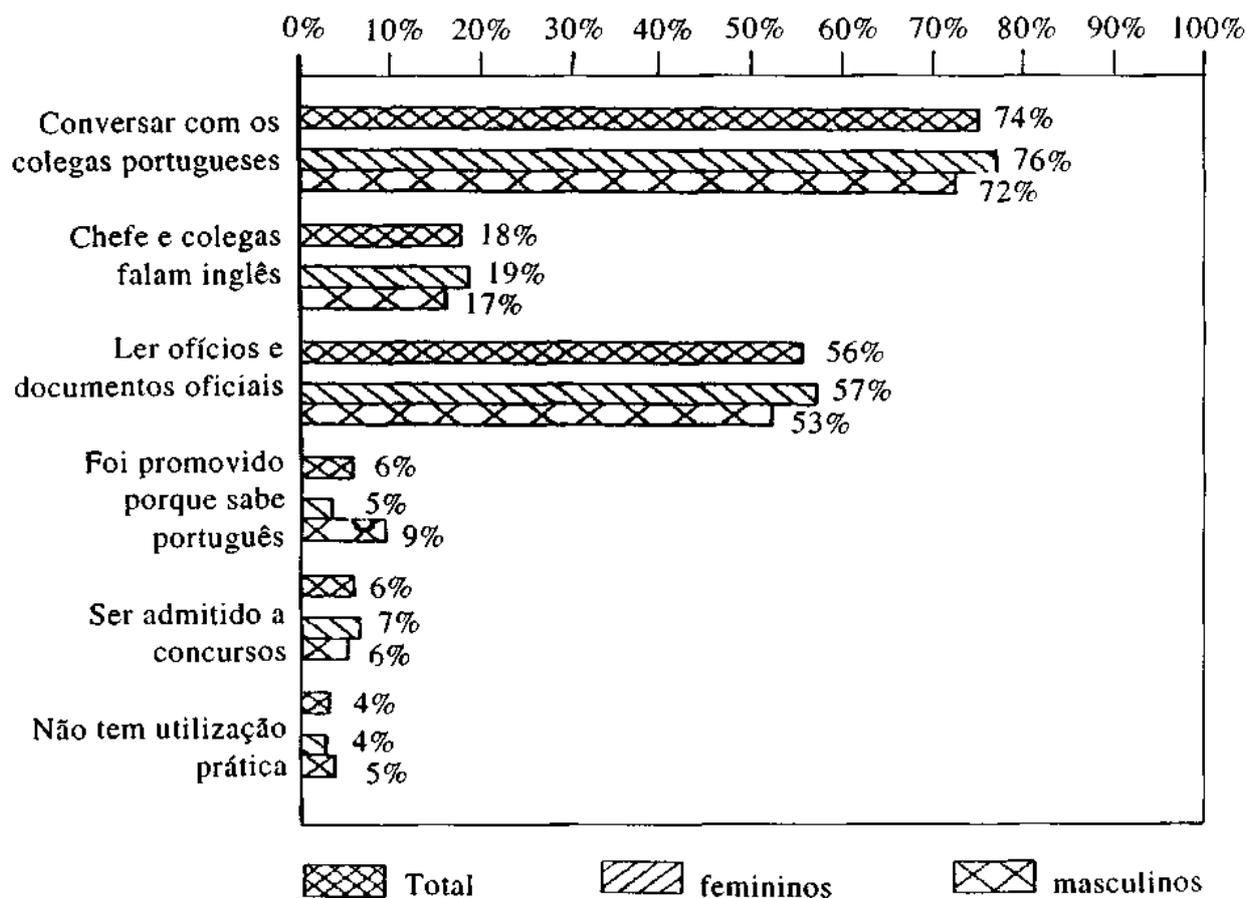
Entrando agora nas respostas de incidência mais cultural, constata-se que os que entendem que aprender português é também «uma forma de conhecer melhor os portugueses» representam 29 por cento dos inquiridos.

Embora 56 por cento declare que «só utiliza o português no trabalho para ler ofícios ou outros documentos oficiais» e 18 por cento afirme que o português «não serve para falar porque os colegas portugueses ou o chefe continuam a falar-lhe em inglês», aqui caberia com certeza uma apreciação sobre o papel do meio no estimular ou no refrear do interesse pela aprendizagem, neste caso o meio laboral, que não cabe neste artigo, salientando, no entanto, que ainda assim, 74 por cento assinala que o português serve para «conversar com os colegas portugueses». A percentagem dos que acham que o português «não tem utilização prática» é de 4 por cento.

### Acha que aprender português é:



### No trabalho o português serve para:



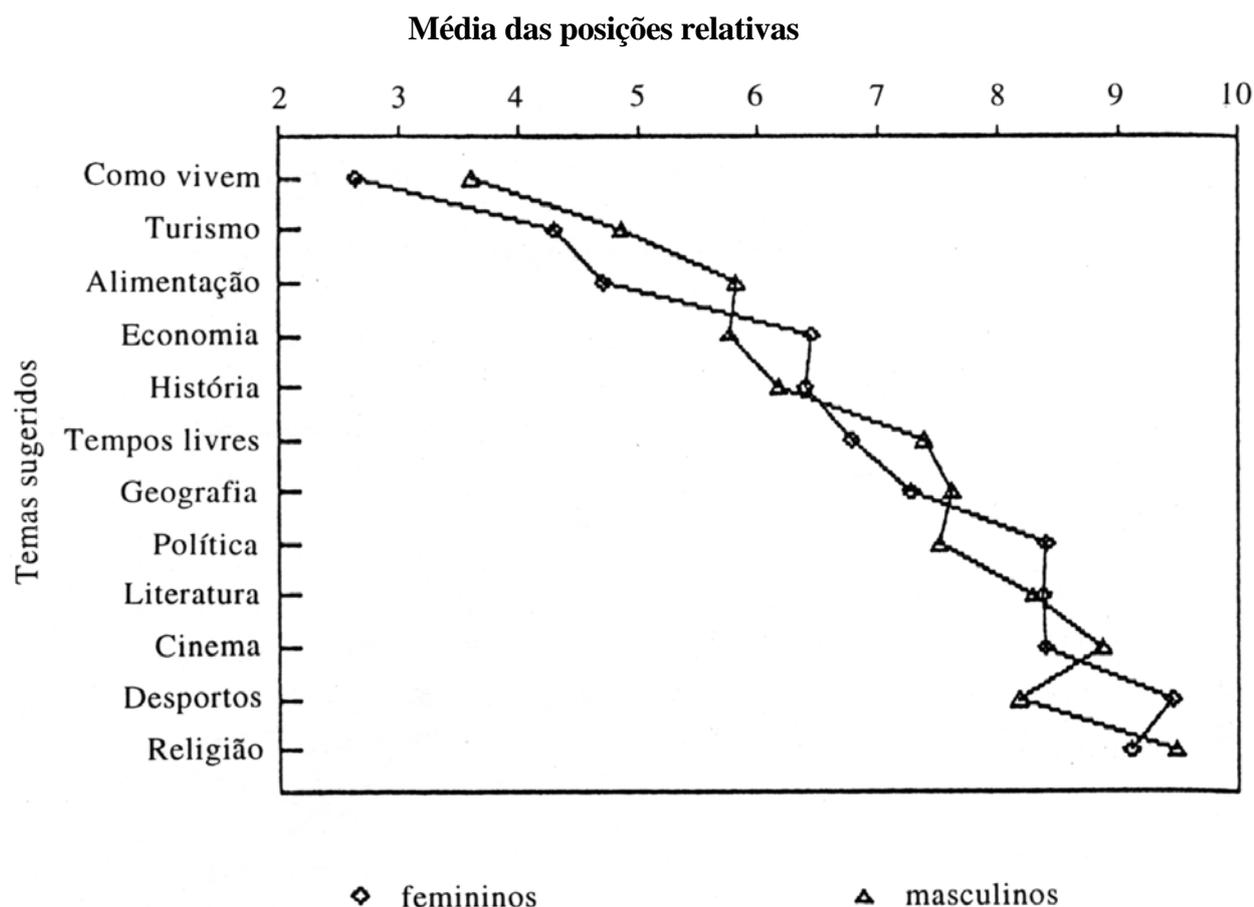
Quanto às preferências dos inquiridos sobre o que gostariam de saber sobre Portugal e os portugueses, foi-lhes dado a escolher entre 12 temas, tendo-lhes sido pedido que os numerassem de 1 a 12, atribuindo o número 1 ao tema de maior interesse. Os temas apresentados foram os seguintes:

História  
Geografia  
Alimentação  
Política  
Economia  
Literatura

Religião  
Desporto  
Como vivem  
Cinema  
Tempos livres  
Turismo

Neste grupo destaca-se o item «como vivem», o qual surge como aquele que desperta maior atenção qualquer que seja o foco de análise, ou seja, quer em termos da divisão homens/mulheres, quer quando a análise se faz por anos de estudo ou por escalões etários.

### O que gostaria de saber sobre Portugal e os portugueses



O «turismo» é o segundo item mais mencionado quer por homens quer por mulheres havendo apenas algumas diferenças quando a análise se centra na divisão etária. Assim, para os alunos com mais de 40 anos, o segundo lugar é para as mulheres os «tempos livres» e para os homens a «história». Na análise por anos de estudo, os que iniciaram este ano os 365

seus estudos têm como segunda escolha a «alimentação», enquanto que os que finalizam a sua aprendizagem referem a «história» em segundo lugar.

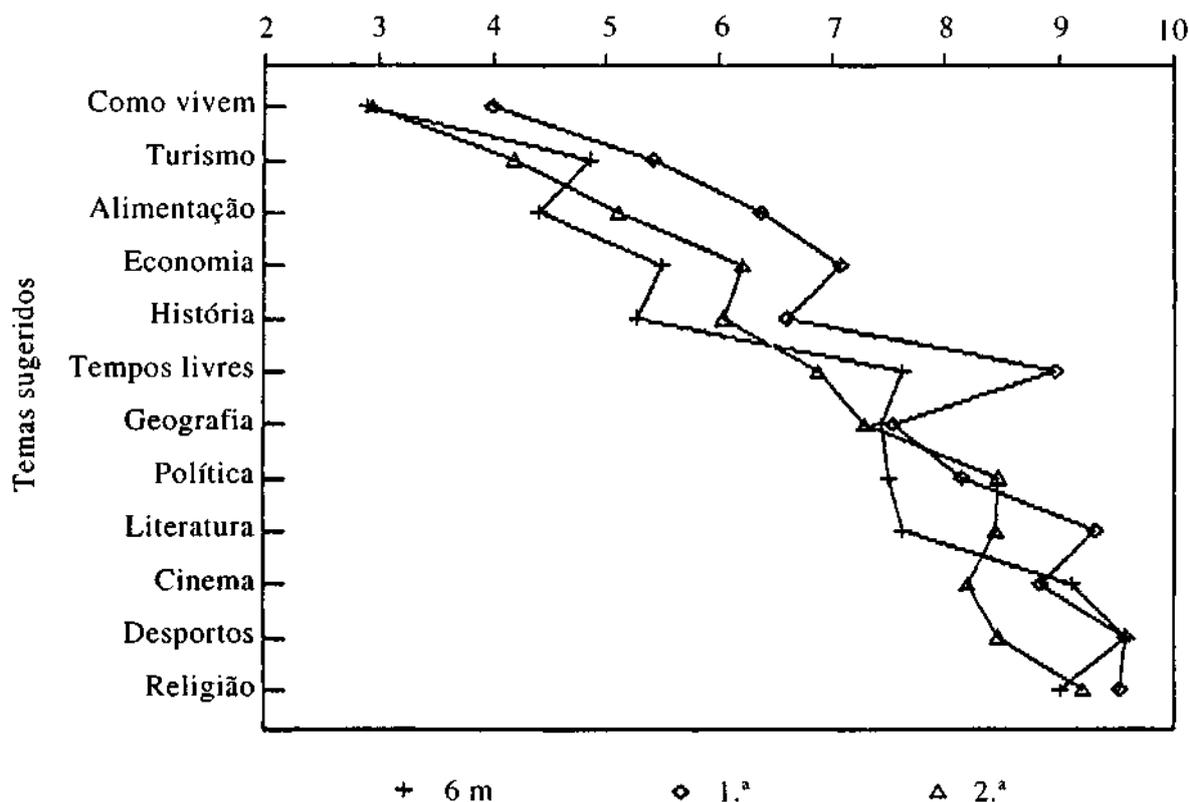
A «alimentação» é a terceira escolha em termos globais, mas para os homens a terceira escolha é a «economia». No item «alimentação», as maiores diferenças surgem quando a análise se faz por idades. Assim, para os homens com mais de 40 anos a terceira preferência é o «turismo», caindo a «alimentação» para o oitavo lugar. Também os homens entre 30/39 anos e os com menos de 20 não parecem preocupar-se muito com a comida.

O quarto lugar é ocupado pela «economia», embora para as mulheres esta seja apenas a sua quinta escolha. Se se atender aos resultados obtidos por anos de estudo, verifica-se que à excepção dos alunos com 3 anos de português, os quais, recorde, são a maioria, com 23 por cento do total, todos os outros colocam a «história» em quarto lugar, passando a «economia» para a quinta posição. Por idades há uma grande amplitude nos resultados parciais, variando entre a terceira e a décima posição.

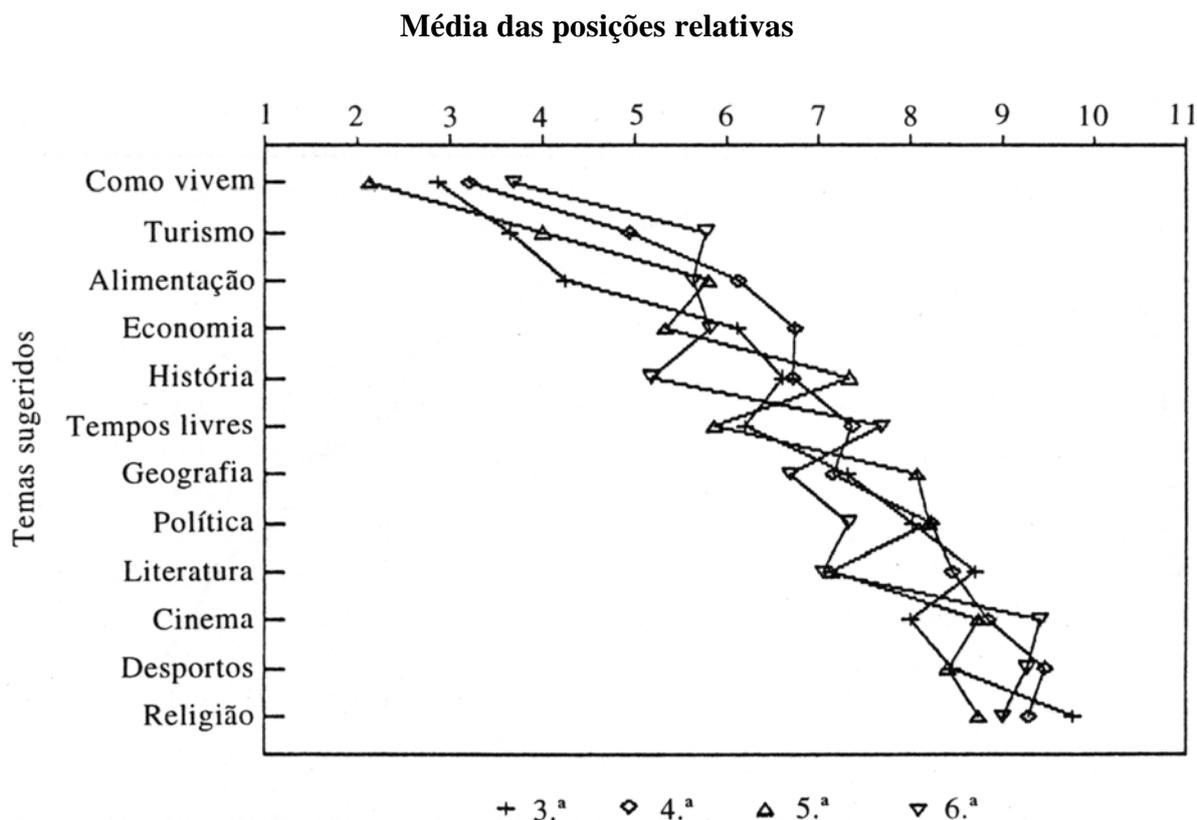
Dos restantes, em termos globais, a quinta posição é para «história» seguindo-se «tempos livres», «geografia», «política», «literatura», «cinema», «desporto» em 11.º e no 12.º lugar o tema «religião».

### O que gostaria de saber sobre Portugal e os portugueses

#### Média das posições relativas



## O que gostaria de saber sobre Portugal e os portugueses



É de salientar ainda que as três primeiras posições são ocupadas por temas onde o diferente é mais marcante constituindo-se deste modo num pólo de maior curiosidade e interesse.

Devo ainda acrescentar que a análise dos dados obtidos por anos de estudo, por exemplo, poderá fornecer informações que contribuam para fazer alguns ajustes aos programas de forma a tornar mais atraentes os temas tratados, dando, por exemplo, mais relevo aos aspectos relacionados com o modo de vida dos portugueses e usar menos os textos literários.

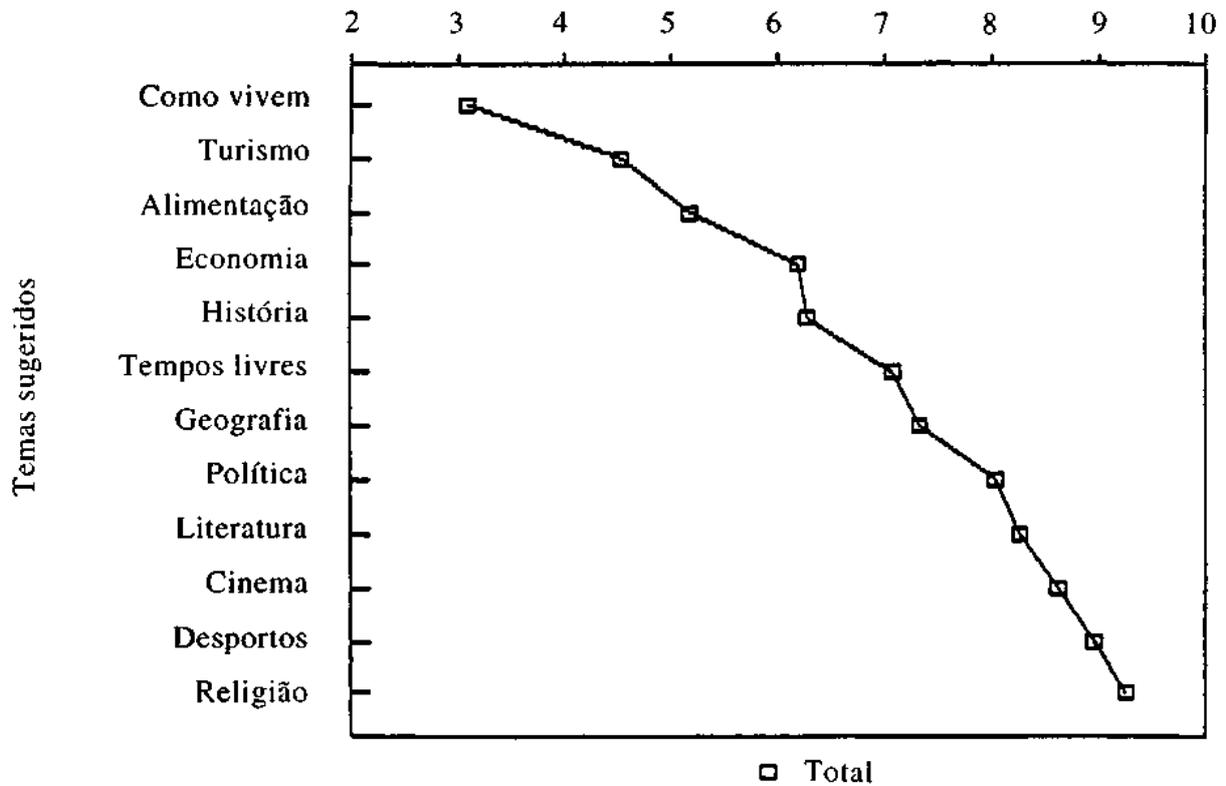
Gostaria agora de deixar para reflexão as opiniões destes alunos sobre o que pensam quanto à utilidade futura da língua portuguesa em Macau e, se possível, distinguirmos entre a benevolência e simpatia das respostas e a sinceridade que se espera obter num inquérito anónimo.

Sobre a utilidade da língua portuguesa em Macau, no futuro, 16 por cento considera que vai ser «muito útil», mas para depois de 1999, 76 por cento pensa que «vai ser útil por pouco tempo» e 4 por cento afirma que «não vai ter nenhuma utilidade», 25 por cento acha que vai ser útil «como referência cultural».

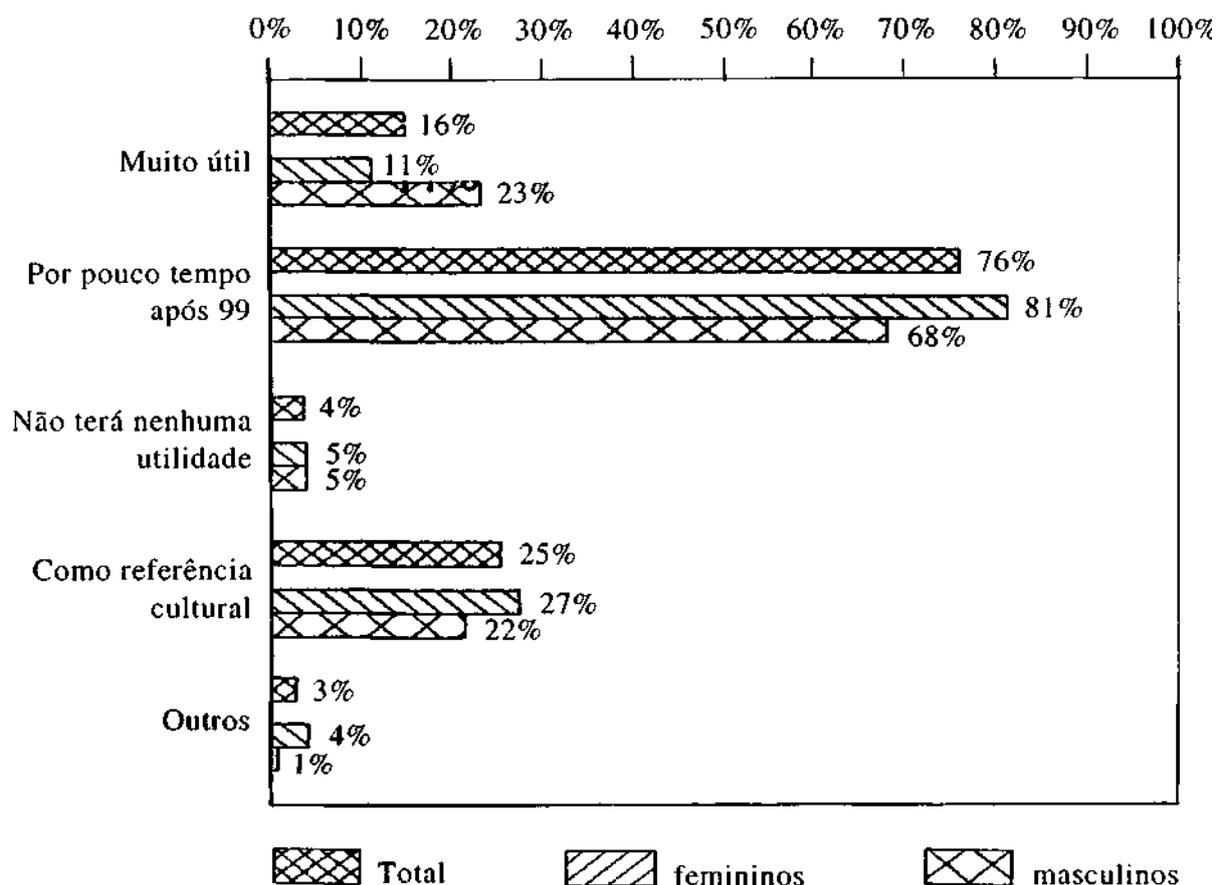
Imaginemos agora que a língua e a cultura eram encaradas de forma empresarial: este inquérito seria então visto como uma prospecção de mercado, como uma auscultação às tendências dos consumidores e os seus resultados levariam, por certo, a concluir pela viabilidade e aceitação do produto, pois que, mesmo sem campanhas de promoção, o consumo tem crescido.

## O que gostaria de saber sobre Portugal e os portugueses

Média das posições relativas



## A língua portuguesa vai ser útil no futuro em Macau



Complementarmente, como o objectivo de qualquer empresa moderna é o de aumentar as suas vendas e a sua quota de mercado, os resultados deste inquérito teriam igualmente reflexos ao nível da produção e da promoção do produto, de forma a dotá-lo de componentes culturais mais atraentes, acompanhando as preferências do mercado, reformulando alguns conteúdos e ampliando outros.

Não ousamos defender uma dinâmica empresarial para o ensino da língua e muito menos para o da cultura. Todos sabemos que a cultura não se vende nem tem preço, mas podemos, sem temor de pecar, ir mais ao encontro dos interesses dos nossos aprendentes e alimentar a sua curiosidade.

Paradigmaticamente, o programa diz para falar de casas de granito, aldeias e carros de bois, porque as pedras, as casas e os carros transbordam de tradição e cultura portuguesa, quando os aprendentes são maioritariamente de origem urbana de 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> geração. Ora tipicamente, o que eles desejam é substituir memórias familiares que lembram a árdua pobreza do que foi a vida na aldeia dos seus pais e avós, por outras referências de modernidade e sucesso na cidade. Nesta conjuntura, a reacção natural, e que já tive ocasião de experimentar pessoalmente, será muito provavelmente esta: «Isso é igual às aldeias na China. Os portugueses são assim pobres como na China?» e segue-se o sorriso simpático e o quase imediato desinteresse. Isto significa tão só que aquilo que o aluno deseja conhecer de Portugal não é a nostalgia rural do pão com azeitonas. O que o atrai são as imagens de modernidade ocidental que Portugal pode oferecer.

A marca cultural que os portugueses deixarão em Macau é no entanto mais determinante noutro campo bem mais abrangente, que não o da sala de aula, porque é ele que influencia na maior parte o desejo de conhecer ou não as coisas portuguesas e a construção de uma memória dos portugueses na China. É da nossa vivência do dia a dia, das atitudes que tomamos, daquilo que fazemos hoje, que depende em boa parte a construção do que poderemos mais tarde referir e identificar como a presença da cultura portuguesa em Macau, ou na sua ausência, a memória dela.

